

O PAPEL EDUCACIONAL DA MULHER E DO POVO NO SÉCULO XIX

Jacqueline S. Nunes Pereira*
Terezinha Oliveira**

RESUMO: Este texto tem por objetivo analisar como o historiador francês Jules Michelet, do século XIX, apresenta a sociedade Francesa, em especial a mulher e o povo. Enfocaremos, no texto, algumas reflexões acerca das obras *O Povo e A Mulher*; enfatizando o papel que a educação desempenha no processo de transição do medievo para a modernidade e o modo como ela é vista por Michelet no século XIX, com particular destaque para a posição da mulher na formação dos filhos. Deste modo, abordaremos várias questões acerca da construção da família na concepção de Michelet, pois ele era um defensor do povo; da estrutura familiar, ele cria na igualdade dos homens e via nela a verdadeira pátria.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Michelet; Povo; Mulher.

EDUCATIONAL ROLE OF WOMEN AND THE PEOPLE IN THE 19TH CENTURY

ABSTRACT: This text aims at analyzing how the French historian Jules Michelet, in the 19th century, presents and assess the Middle Ages, especially the woman and the people. The main aspect of this study focus on the way the author links medieval issues of the 14th century with the political disputes in his time. We shall focus on the role that education has in the transition process from the Middle Ages to modernity, and the way it is seen by Michelet in the 19th century, paying particular attention to the women's position in children's development.

KEYWORDS: Education; Michelet; People; Low Middle Ages.

* Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM; Docente e Coordenadora do curso de Educação Física do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR. E-mail: Jacqueline@cesumar.br/ jsnpereira@ibest.com.br

** Doutora em História; Docente do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: teleoliv@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste texto, procuraremos identificar nas obras *A Mulher e O Povo* a concepção de Michelet sobre a mulher e sua influência no processo educativo. A análise será encaminhada de acordo com a idéia de que Michelet, caracterizado como um historiador romântico que, buscando fontes documentais, procurava debater sua época à luz do exemplo medievo; ou seja, o autor discute a situação social de seu tempo com base na Idade Média e em acontecimentos históricos mais recentes, como a Revolução Francesa.

Sua preocupação era estudar as ações ocorridas nesses distintos momentos relacionando-as com os conflitos sociais de sua época, os quais afetavam a unidade da nação francesa. Sua proposta para a educação do povo, especialmente da mulher, originava-se dessa preocupação central com a unidade do povo francês.

Michelet era um defensor do povo; ele cria na igualdade dos homens e via nela a verdadeira pátria. Para ele, os homens e mulheres do povo deveriam ser respeitados como parte essencial da Pátria, e não como uma classe sem cultura e de pouco valor para a construção da sociedade. Mais precisamente, ele afirmava que uma divisão não resultaria em uma nação, mas em dois povos distintos.

Com base em *A Mulher e O Povo*, podemos compor uma pequena pirâmide com o que, para Michelet, é de maior e o que é de menor importância na sociedade. Na base da pirâmide está a mulher, pois ela é influenciadora e formadora de opinião, tem em suas mãos a família e, conseqüentemente, a sociedade. É importante ressaltar que essa mulher proposta por Michelet não é a adornada de jóias e deleites que vive desfilando entre o conforto de sua casa e os salões de festas e recepções. A mulher que ele apresenta como ideal, que tem fortaleza e coragem, é a humilde mulher do povo, aquela que desfila no coração da família no posto de esposa e mãe. É a ela que ele atribui a força para amar, cuidar e guerrear pela França.

Ocorre em nacionalidade o mesmo que na geologia: o calor está embaixo. Quanto mais se desce, mais ele aumenta; nas camadas inferiores é escaldante. Os pobres amam a França como se tivessem obrigações e deveres com ela. Os ricos amam-na como se ela lhes pertencesse e lhes devesse favores. O patriotismo dos primeiros é o sentido e o dever; o dos outros, a exigência, a pretensão de um direito. O camponês como dissemos, desposou a

França em matrimônio legítimo; ela é sua mulher para sempre, ambos são um. Para o operário, é a amante formosa; ele nada tem, mas tem a França, seu nobre passado, sua glória. Livre de idéias locais, ele adora a grande unidade. É preciso que seja bem miserável, escravizado pela fome, pelo trabalho, para que esse sentimento esmoreça nele; mas ele nunca se extingue. (MICHELET, 1988, p. 103)

Não há como negar que a mulher é, além de outras interpretações que o trecho comporta, uma figura da pátria. A metáfora “amar a pátria como uma mulher”, além de suscitar mais uma vez a questão feminina, denuncia a inquietação de Michelet em face da indiferença dos homens ricos em relação a seu país. Para o pobre, a pátria é o único bem e herança que ele tem, a glória da França é seu único orgulho e isto a torna mais querida e idolatrada por ele. É evidente que, para Michelet, o verdadeiro patriotismo só floresce em sua essência entre os homens simples, de pouca ou nenhuma posse.

Michelet tem, a respeito da educação, uma concepção com a qual nos identificamos. Entendemos educação como um processo para o desenvolvimento harmonioso das faculdades humanas. Não está restrita ao campo científico, ao letramento, mas é algo que é bastante abrangente e diz respeito ao conhecimento que o sujeito adquire nas suas relações dentro de um determinado meio social. É essa compreensão que Michelet demonstra ter quando faz a seguinte afirmação:

As pessoas que vivem juntas, tocando-se sempre, desenvolvem-se necessariamente ao simples contato, como que pelo efeito do calor natural. Elas se propiciam uma educação, má, se quiser, mas educação. Só a visão de uma grande cidade, onde sem nada querer aprender alguém se instrui a todo instante, onde para se conhecer mil coisas novas basta caminhar na rua de olhos bem abertos, esta visão, esta cidade, sabeí, é uma escola (MICHELET, 1988, p. 117).

Michelet aponta neste trecho que a convivência é uma forma de educação, seja ela boa ou má. As pessoas transmitem seus conhecimentos e suas experiências umas às outras; ou seja, acumulamos conhecimentos e todo fazer humano que pode ser transmitido de geração a geração. A isso damos o nome de cultura. Se cultura é uma soma das realizações e

conhecimentos (e sabemos que as culturas divergem de acordo com a sociedade), podemos perfeitamente compreender o que Michelet apreende da sociedade francesa e por que ele vê importância na educação do povo.

Para Michelet, a educação não pode ser considerada como algo que se adquire apenas na elite, em uma cultura refinada, pois ela pode ser obtida também no seio de toda e qualquer sociedade capaz de transmitir um conhecimento, seja entre operários, seja entre camponeses. Para ele é preciso valorizá-la, pois ela é a história do povo. Michelet sustenta em todo o seu discurso a necessidade de valorizar como fontes a história oral, os costumes, a religião e os sentimentos inseridos em cada geração. Neste processo, considera fundamental também o respeito e a valorização de todos os membros da sociedade.

Minha segunda vantagem é que, ocupando-me menos desta ou daquela novidade nos costumes, desta ou daquela classe específica nascida ontem, e atendo-me à generalidade legítima, à massa, posso *ligá-la* facilmente *a seu passado*. As mudanças são bem mais lentas nas classes inferiores do que nas classes altas. Não vejo essa massa nascer bruscamente, ao acaso, qual o monstro efêmero da terra; vejo-a vir, em geração legítima, do fundo da história. A vida é menos misteriosa quando se conhece o nascimento, os ancestrais e os precedentes, quando se observa longamente a existência do ser vivo, por assim dizer, bem antes de seu nascimento. (MICHELET, 1988, p. 122, grifo do autor).

Aqui Michelet identifica a questão cultural, enfatizando sua importância para as próximas gerações e a relevância no presente, ter-se conhecimento dos antepassados e de seus feitos. A história deve ser de grande valor para toda a sociedade, ela é uma forma de educação.

Em *A Mulher*, Michelet discute a questão da família, das dificuldades em constituir casamentos. Nessa obra, ele se posiciona contra o celibato e a favor da possibilidade dada pela Revolução de se constituir, com base no amor, uma verdadeira família. Segundo ele, com a Revolução, tanto as mulheres como os homens tinham se tornado livres. É com esse argumento que ele procura convencer os homens a se casarem.

Tende piedade da terra fatigada, que sem o amor já não teria razão de ser. Amai para a salvação do mundo. Se

bem vos compreendi, desejaríeis muito fazê-lo, mas o receio vos detém. Francamente tendes medo das mulheres. Se a mulher continuasse a ser uma coisa, como outrora, vós casaríeis, mas então meus caros amigos, não haveria casamento. É a união de duas pessoas. Só agora o casamento começa a se tornar possível, justamente porque hoje ela é uma pessoa, uma alma (MICHELT, 1995, p.47).

Na parte desse livro destinada à educação da mulher francesa no século XIX fica claro que ele a considera como a base da unidade social. Para ele, a mulher possui o amor, ela é a alma da França. Ela é tida como a grande desencadeadora das ações dos homens. Enquanto educadora, é responsável pela formação da sociedade; ela é base da família, que por sua vez é a base da pátria:

Toda mulher é um altar, a coisa pura, a coisa santa, em que o homem, abalado pela vida, pode a cada hora encontrar a fé, reencontrar a sua própria consciência, conservada mais pura do que nele. Toda mulher é uma escola, e é delas que as gerações recebem realmente sua crença. Muito antes que o pai pense na educação a mãe deu a sua, que não mais se apagará (Michelet, 1995, p. 118).

Michelet concebe a mulher como formadora do povo. Nesse livro, ele a descreve como tal e deixa transparecer sua preocupação com as mudanças de hábito da sociedade. Por exemplo, ao apontar as causas do enfraquecimento das relações conjugais, ele aborda a questão da mulher operária.

A saída da mulher para o trabalho, do seu ponto de vista, prejudicaria a sua função de condutora das gerações futuras. Cansada, ela abortaria ou teria filhos desnutridos. Diversas doenças contribuiriam para arruinar a saúde da mulher, como, por exemplo: fadigas, violações conjugais, estados constantes de gravidez, abortos clandestinos. Para evitar estes males, Michelet sugere que a mulher se afaste da vida ativa, pois esta situação só destruiria a família, extinguiria as “gerações”.

Essa análise negativa do trabalho da mãe operária pode ser observada também no caso da ama-de-leite. Para ele, essa atividade destrutura as famílias e por isso acaba tendo uma repercussão negativa na construção da família e da sociedade.

Que eu saiba, nenhum pintor de costumes, romancista, socialista, dignou-se falar-nos da ama de leite. Mas essa é uma história bem triste, que não conhecemos suficientemente. Não sabemos como essas pobres mulheres são exploradas e maltratadas, em primeiro lugar pelos veículos que as transportam [muitas vezes logo depois de darem à luz], depois pelos escritórios que as recebem. Contratadas como amas para trabalharem *no local*, precisam mandar o filhinho de volta, que quase sempre morre. Não têm nenhum contrato formal com a família que as aluga, podem ser dispensadas ao primeiro capricho da mãe, da babá ou do médico. Se a mudança de clima e de vida seca seu leite, são despedidas sem indenização. Quando ficam, contraem os hábitos de uma vida mais folgada e sofrem infinitamente quando chega a hora de voltar à pobre vida de antes; muitas se fazem domésticas para não deixar a cidade, não voltam para o marido, a família se desfaz (MICHELET, 1995, p. 44-45, grifo do autor).

Michelet lamenta a destruição da mulher nessa atividade, especialmente o afastamento de suas origens, de sua família, uma vez que ela acaba sendo motivada a viver outra realidade social, que aparentemente a conforta, mas depois, aos poucos, rouba dela o que seria a sua maior riqueza, a sua geração.

Em *O povo*, Michelet descreve a mulher como a organizadora do lar, das finanças, como uma pessoa capaz de economizar e de se sacrificar em prol de seu lar. A camponesa, em especial, é apresentada como uma mulher disciplinada, parcimoniosa, capaz de participar ativamente com o marido na construção de suas condições de vida.

Assim, Michelet lamenta a desestruturação que ocorreu na família e na sociedade em geral, da qual a família é o sustentáculo. Quando a mulher se curvou à necessidade de se dedicar ao trabalho, segundo ele, enfraqueceu em seu papel de mãe e guardiã do lar. “Aquela que é a sustentação da linhagem é forte o bastante para manter um povo, mas frágil demais para o trabalho e outras atividades para a qual não fora destinada”.

A alta necessidade é viver. E, visivelmente morre-se.
A população deixa de aumentar e baixa em qualidade.
A camponesa morre de trabalho, a operária de fome.

Que crianças podemos esperar delas? Abortos, cada vez mais (MICHELET, 1995, p. 15).

Como ficará um povo se sua coluna se enfraquecer, perder a verdadeira razão ou desaparecer? A preocupação de Michelet com a mulher é, na realidade, uma preocupação com toda a sociedade tanto no presente, resultante das transformações históricas, quanto nas próximas gerações. Por este motivo, ele acaba sendo contrário ao trabalho feminino e valoriza o modelo de mulher simples, desprovida de preconceitos, aberta a idéias inovadoras, que organiza a vida da família e o lar.

A mulher que deve esposar é aquela que apresentei no livro *O amor*, aquela que, simples e amorosa, não tendo ainda recebido uma marca definitiva, repelirá menos o pensamento moderno, aquela que não chega de antemão, inimiga da ciência e da verdade (MICHELET, 1995, p. 48, grifo do autor).

É esta mulher que ele idealiza para a sociedade francesa no século XIX, é ela que poderá contribuir para a recuperação da sociedade.

Como esposa, a mulher simples, que é possível educar um pouco. E, como filha, a mulher crente que um pai educará inteiramente. Assim estará rompido esse miserável. Com essa boa esposa, associada, pelo menos de coração, à fé do marido, este, seguindo o caminho fácil da natureza, exercerá sobre sua filha uma incrível ascendência de autoridade e de ternura. A filha acredita tanto no pai! Cabe a ele transformá-la em tudo o que quiser. A força desse segundo amor, adorável ideal de graça na sabedoria, o único que possibilitará o recomeço da família e da própria sociedade (MICHELET, 1995, p. 48).

Essa mulher é a mulher simples. Ela não tem os privilégios que receberam as donzelas de classes superiores, nem mesmo é acostumada aos deleites que aquelas desfrutam. Ela é fruto da humildade e, por força da necessidade maior, muitas vezes de sobrevivência, está no campo ou em outro serviço manufatureiro.

Em sua argumentação sobre o papel redentor da família em relação à sociedade, ele analisa a situação da mulher operária na concorrência com os

homens no trabalho. Menciona a desigualdade entre os salários pagos para os homens e os pagos às mulheres. Afirma que, além de estar na contramão do sistema familiar, a mulher sofre discriminação como mão-de-obra e, por ter aparência de fragilidade, ela fica exposta a abusos dos seus superiores e ainda recebe cinco vezes menos por isto.

Apenas o patrão é bom para ela. Ele a consolaria, se ousasse. Bom ver que nesse estado aflitivo, em que a garota nunca tem uma palavra amável, ela pertence de antemão a quem lhe demonstrar um pouco de amizade. Logo chega a oportunidade, quando a senhora está no campo. A resistência não é grande. É seu patrão, e é forte. Fica grávida, grande tempestade. O marido envergonhado baixa os ombros. Ela é expulsa e, sem pão, na rua, à espera de poder dar à luz no hospital. [História quase sempre invariável vede as confissões recolhidas pelos médicos.] (MICHELET, 1995, p.19).

Para Michelet, as mulheres simples estão condenadas a viver nas ruas e podem ser possuídas por qualquer um que lhes ofereça provimento para o dia seguinte. Estão famintas e sem qualquer esperança quanto a um meio de sobrevivência menos cruel.

Esta argumentação nos conduz a uma questão levantada por Michelet. Se as mulheres estão perecendo sem lar e sem um homem que possa cuidar delas e formar com elas uma família, como base para as futuras gerações, isto se dá justamente pelo próprio modelo de sociedade que se estabeleceu após a Revolução Francesa. É este modelo que precisaria ser modificado pela educação da mãe.

Ao analisar a necessidade de a mulher se dirigir para o mercado de trabalho, ele aborda justamente a concorrência que se estabelecia entre o homem e a mulher. Para ele, isso só destruiu a família. Por isso, considerava que o homem deveria trazer a mulher para o lar, casar-se e fortalecer este laço, ao invés de contribuir para a sua prostituição. Tornando-a esposa, ele estaria criando a base para a educação, para a criação de uma nova pátria.

A importância do casamento e de um lar para a mulher é abordada de forma especial no capítulo IV da obra *A Mulher*. Por si, o título resume sua idéia central e deixa transparecer a idéia de proteção à mulher que Michelet atribui ao homem. Nas entrelinhas de *A mulher não vive sem o homem*, vemos que não apenas ela é dependente da presença masculina, mas o homem também o é em relação à mulher. É o que depreendemos de um

relato do autor sobre uma discussão com os amigos quanto ao porquê de alguns homens aderirem ao celibato. Ele considera revelador que, ao contrário do que parecia, um deles teria revelado que, apesar de ter a mulher que quisesse na rua e de ter a liberdade de vida que não tem um pai de família, sentia a amargura de não ter para si uma única mulher que pudesse acompanhá-lo por toda a vida.

Com base nesta afirmação, Michelet sustenta que um “sexo” não é simplesmente condicionado ao outro: ambos se necessitam e se completam. Esta nova relação se dá, justamente, pela necessidade de se estruturar uma família. De seu ponto de vista, isto seria a maior riqueza, seria o amor, seria a base das novas gerações.

Todas as discussões dos dois sexos, seus orgulhos de nada servem. Cumpre chegar a uma conclusão sobre este ponto. Não se deve fazer como a Itália, como a Polônia, a Irlanda, a Espanha, onde tanto contribuíram para perder o Estado. No único livro do século em que há uma grande concepção poética [o poema de *Dernier homme*], o autor julga o mundo esgotado e a terra perto de acabar. Mas há um sublime espetáculo: a terra não pode acabar, se um único homem ainda ama (MICHELET, 1995, p. 47).

Dessa maneira, Michelet vai pontuado outra questão importante em sua obra, o amor. Para ele, o equilíbrio entre o homem, a mulher e a criança deveria estar pautado no amor entre as pessoas. Esta seria a harmonia da nação, a maneira de uni-la e salvá-la da degradação social.

E o homem viverá sem elas? Vós mesmos o dizéis agora há pouco: Vossa vida é sombria e amarga. Em meio aos vossos divertimentos e às vãs sombras femininas, não possuís a mulher, nem a felicidade, nem o descanso. *Não tendes a forte base*, o equilíbrio harmônico, que tanto serve à produção. A natureza formou a vida de um nó tríplice e absoluto: o homem, a mulher e a criança. Temos certeza de que sozinhos perecemos, só nos salvamos juntos (MICHELET, 1995, p. 46, grifo nosso).

Grifamos a afirmação *não tendes a forte base* porque ela é a confirmação do que pensa Michelet a respeito da mulher como educadora,

como base da família e da sociedade. Ele a considera como coluna, não apenas de sua casa, mas da pátria.

A este respeito, na obra *O povo* Michelet também afirma quanto é importante a formação da família. Para ele, a família é a base da educação. A seu ver, independentemente de suas origens, de seus costumes, os homens precisam centrar-se nos laços familiares.

Indiferentes como somos em relação à pátria e ao mundo, nem cidadãos, nem filantropos, só dispomos de uma coisa para escapar ao egoísmo: os laços de família. Ser bom pai de família é um mérito que costumamos ostentar, frequentemente com grande proveito (MICHELET, 1988, p. 181).

Não obstante, o autor afirma que este laço está desatado em sua sociedade, especialmente nas classes superiores. Sobre esta classe, em especial, ele aponta a mãe como culpada, porque a educação que ela oferece às filhas faz do casamento um encargo insuportável. Segundo ele, esta situação é comparável ao período da decadência do Império Romano.

O que presenciamos lembra muito os derradeiros séculos do Império Romano. As mulheres, tornando-se herdeiras e sabendo-se ricas protegiam os maridos, mas criavam para eles uma condição tão miserável que nenhuma vantagem pecuniária, nenhuma prescrição legislativa podia obrigar os homens a padecer semelhante servidão. Preferiam escapar para o deserto. A Tebaida se povoou. O legislador, espantado com o despovoamento, viu-se forçado a favorecer, a regulamentar as ligações inferiores, as únicas que o homem aceitava. O mesmo talvez acontecesse em nossos dias se esta sociedade, mais industrial que a do Império Romano, não especulasse sobre o casamento. O homem moderno aceita por cupidiz e necessidade a sorte que afugentava os romanos. Especulação pouco segura. A jovem sabe que tem um bom dote, mas como não lhe ensinaram o valor do dinheiro, ela gasta mais do que tem. Observando os acontecimentos recentes, as grandes mudanças das fortunas, sou tentado a afirmar: 'Quereis arruinar-vos? Desposai uma mulher rica' (MICHELET, 1988, p. 182).

Embora nas descrições de Michelet sejam poucos os momentos em que ele descreve o comportamento das mulheres nobres, enquanto as mulheres do povo são mencionadas constantemente, é possível, com base no trecho citado, traçar um paralelo entre uma imagem e outra. De seu ponto de vista, as mulheres que pertencem ao mundo da nobreza em nada contribuem para a família e para a nação, mas quando ele descreve a outra mulher, a mulher do povo, mostra que ela tem uma atitude diferente em relação ao que é ser família, que a leva a conduzir de maneira mais responsável a educação de seus filhos.

A mulher o espera contando os minutos; a mesa está posta, a mãe e o filho a todo instante vão ver se já chegou. Por pouco que esse homem valha, ela se envaidece dele, admira-o, reverencia-o [...] Quanto zelo! Vejo-a, tão mal nutrida, reserva para si, sem que ele note, a porção menor, guarda para o homem, que sofre mais, o alimento nutritivo que reparará suas forças (MICHELET, 1988, p. 184).

É no povo que Michelet vai identificar a felicidade familiar. É nessa estrutura da família que ele consegue identificar a união que tanto defende. Nela, ele consegue pontuar a mulher e o homem como seres sociáveis, cuja individualidade precisa ser valorizada. Para ele, a base do casamento seria a mulher, mas para que isso acontecesse, era preciso que esta se sentisse segura, se sentisse alimentada pelo marido.

Disse e repito: aí esta a felicidade. A mulher sente que é alimentada pelo marido, fica feliz com isso; e ele sempre trabalha tanto, melhor quando sabe que trabalha por ela. Eis aí o casamento verdadeiro. Felicidade monótona, direis [...] Não, existe a criança [...] Se a centelha brilhasse, se o trabalhador dispendo de um pouco de segurança e lazer, gozasse momentos de vida mais elevada, associando a eles a esposa e nutrindo-a com seu espírito, seria o bastante: não se pediria ao céu senão a perpetuidade dessa vida (MICHELET, 1988, p. 184).

Para Michelet, a mãe é a base da educação, é a família, a pátria, a natureza, a união. Por este motivo acredita que a criança deve conhecer a alma da pátria, ou seja, sua história, sua tradição, as especificidades de

sua natureza. De que forma deve se adquirir este conhecimento? Pela escola, sem dúvida, mas antes de tudo pela família, por seu pai e por sua mãe que a ensinam a amar a verdade, ou seja, a lei da natureza e a integridade da humanidade.

Michelet acreditava em uma educação igualitária, em que todos deveriam ter o mesmo direito, em que a formação da criança não estivesse vinculada ao seu poder aquisitivo, mas às questões relevantes para o crescimento da pátria e para a unidade do povo.

Seria excelente que todos os filhos de um mesmo povo, assim reunidos ao menos por algum tempo, se vissem e se conhecessem antes dos vícios da pobreza e da riqueza, antes do egoísmo e da inveja. A criança receberia aí uma impressão indelével da pátria, encontrando-a na escola não somente como estudo, mas como pátria criança, semelhante a ela uma cidade melhor antes da Cidade, cidade de igualdade onde todos se assentariam no mesmo banquete espiritual (MICHELET, 1988, p. 225).

Michelet desejava que as novas gerações fossem fundamentadas na união das classes, independentemente de suas diferenças. O povo deveria ignorar a inveja, o ódio, o desprezo de classes. Nelas, as relações familiares refletiriam as relações do cidadão com o Estado. Retomando a história das gerações, Michelet expõe claramente o modelo de família que considerava ideal: aquele que tinha sido instituído pela Revolução francesa, ou seja, um “mundo livre e natural”, já experimentado em sociedades anteriores. Nessas sociedades, a mulher, embora em casa, no lar, desempenhava um papel social e político fundamental.

No tocante à família, por exemplo, sente-se bem que ela não pode ser a mesma sob a fatalidade física daquela fomalha da Índia, onde a mulher é uma criança a quem casam aos oitos ou doze anos. Mas, desde que nos situamos num mundo livre e natural, o ideal da família é absolutamente idêntico. Tal como é em Zoroastro, em Homero, tal como é para Sócrates [ver a admirável passagem como do Econômico de Xenofonte], tal como, enfim, em Roma e entre nós. Vê-se em Aristófanes que as mulheres gregas, de modo algum dependentes, reinavam em suas casas e costumavam influir poderosamente no Estado. Vemo-lo em

Tucídides, no qual tendo os homens votado o massacre de Lesbos, mas estando em casa à noite diante de suas mulheres, retrataram-se, revogaram essa sentença (MICHELET, 1995, p. 119).

Para Michelet, a educação está centrada nas mãos da mulher e ela é a responsável pela formação da próxima geração, especialmente das filhas, que, por sua vez, serão mães e educarão a terceira geração. Este é um ciclo natural que continuará dependendo daquela que foi designada pela natureza para ser progenitora e educadora. É por isto que Michelet insiste em falar sobre o papel da mãe e sobre o real sentido da maternidade.

Assim, Michelet nos coloca novamente diante do papel educacional da mãe. Que influência ela exerce na vida dos pequenos? E o que seria deles sem ela? Deixemos que o próprio Michelet responda:

Aquele que nasce é por muito tempo um morto provável; sem a mãe, um morto certo. [...] as mulheres que escrevem, imprimem, fizeram livros eloqüentes sobre a desdita de seu sexo. Mas se as crianças escrevessem, quantas coisas teriam para dizer! Diriam: 'Tratai-nos bem, poupai-nos, nesses poucos meses e dias que em geral a severidade da natureza nos dá. Somos tão dependentes de vós! Vós nos dominais tanto, pela superioridade de força, de razão, de experiência! [...] Contanto que empregueis arte e bons tratos, seremos obedientes, faremos o que quiserdes. Mas não abrevieis a hora única em que estamos sob a tépida luz do sol e dentro da saia de nossas mães [...] Amanhã estaremos dentro da terra. E de todos os bens daqui da terra só levaremos suas lágrimas' (MICHELET, 1988, p. 81).

A mãe deve cuidar de sua criança e permitir que ela desfrute de tudo o que é possível enquanto permanece na infância. Ela é uma nova semente e só a mãe pode ensiná-la e fazê-la crescer tanto física quanto espiritualmente.

Teu dever hoje é viver, crescer, comer bem, dormir melhor, correr pelos trigais, entre as flores. Mas nem sempre se pode correr, e ficarás muito feliz se tua mãe, tua irmã mais velha, brincarem contigo, tornarem-te hábil nesses trabalhos que são brincadeiras (MICHELET, 1988, p. 82).

O apoio da educação, sua alma e sua vida constante é aquilo que muito cedo aparece na consciência, o bom, o justo. A grande arte é que, pelo amor, pela doçura, pela ordem e harmonia, alma infantil, obtendo sua verdadeira vida sadia e completa, cada vez mais *perceba a justiça*, que está nela, inscrita no fundo do amor. [...] A criança, por si só, irá facilmente de um a outro. Encontrará, sem procurar, isto: ‘*Devo amar minha mãe que me ama tanto*’. *Aí está o dever*. E nada mais natural (MICHELET, 1988, p. 83, grifo do autor).

Quando Michelet descreve a educação, faz em sua obra um adendo sobre Rousseau. Embora reconheça que ele foi o primeiro a apresentar com vigor o problema dos métodos na educação, não concorda com a maneira de ignorar que “o método não é tudo”. Michelet não aceita a proposta de Rousseau de que o aluno deve conduzir sua própria formação, desenvolver-se com base em suas próprias ações, de forma a ser capaz de apreender qualquer coisa. Isto, para Michelet, é um problema:

Apenas observo que ele não diz uma só palavra do segundo problema da educação: qual será o objetivo principal do estudo? Que aprenderá esse aluno? Supondo-se que Rousseau tenha conseguido formar um espírito enérgico, ativo, independente das rotinas comuns, a que se aplicará ele? Haverá algum conhecimento em que ele encontre seu desenvolvimento, sua ginástica natural? Não basta criar o tema; cumpre determinar o objetivo no qual ele se exercitará com mais vantagem. Denominarei esse objetivo a substância da educação (MICHELET, 1995, p. 114).

Segundo Michelet, a educação deve ser totalmente diferente para o menino e para a menina. O menino deve ser formado como um criador, como a fortaleza da família, ao passo que a menina deve ser educada para estabelecer a harmonia familiar, ou seja, ela é incumbida do papel de maior delicadeza, pois nele está seu poder de persuasão.

Se o que os homens do século XIX desejam é serem mais sucedidos na educação do que o foram até aquele momento, é preciso assinalar as diferenças. Diz Michelet.

Diferentes são as suas vocações e tendências naturais. Diferentes também a sua educação, diferentes no método, harmonizador para a menina, para o menino fortificante; diferente em seu objetivo, no que tange ao espírito principal em que se exercitará seu espírito. (MICHELET, 1995, p. 115)

Por outro lado, Michelet pondera que esta diferença na forma de ensinar não deve ocorrer no caso da história. Segundo ele, todos devem ter este conhecimento. A história fornece ao povo o fruto moral, sustenta o coração e alimenta a vida. Para ele, “a história é a mágica identidade da alma humana sobre a questão do justo, a concordância histórica das crenças do gênero humano acerca do dever e acerca de Deus”. (MICHELET, 1995, p. 117).

O autor busca identificar, na história, a importância da educação orientada, fundamentada em obras, em pensadores que, a seu ver, foram fundamentais desde a antiguidade, como meio de educar um povo. Desta maneira, ele afirma ser necessário que, muito cedo, o pai e a mãe estejam de acordo na educação de seus filhos e que, nas formas sucessivas em que, conforme a sua idade, a história lhes for administrada, eles sempre sintam o seu acordo moral e sua unidade santa.

Sua mãe, sob forma Láctea, quer dizer através do doce meio e de uma linguagem apropriada a sua fraqueza, ter-lhe-á contado primeiro alguns fatos históricos capitais que ela escreverá ao seu modo. Seu pai na idade intermediária [dez anos? Doze anos?] ter-lhe-á feito algumas boas leituras de escritores originais, esta e aquela narrativa de Heródoto, A retirada dos dez mil, a vida de Alexandre o Grande, algumas belas narrativas da Bíblia, acrescentai-lhes a Odisséia, e nossas Odisséias modernas, nossos bons viajantes. Tudo isso lido bem devagar, sempre no mesmo espírito, ou seja, mostrando-lhe sob essas diferenças exteriores de costumes de usos, de cultos, quão cedo mudou o homem. (MICHELET, 1995, p. 119).

“A mulher é uma religião”, diz Michelet (1995, p. 80). E ele assim o afirma metaforizando esse papel feminino. Segue-se uma religião, ela tem o poder de manter e conseguir adeptos e estes a respeitam e vivem o que ela prega. Então, por que a comparação? A religião rege e a mulher, com todas

as características e poder em mãos, rege a família e conseqüentemente a sociedade. É importante ressaltar mais uma vez que o foco principal da educação é a menina, a próxima educadora, que deixará sua infância e florescerá para uma nova vida, levando consigo aquilo que a mãe lhe ensinara.

A educação desta menina é um processo que, segundo Michelet, só pode ser desenvolvido mediante o amor. Esta é a principal chave que a mãe tem em mãos para formar esta jovem, que, no futuro, será mãe. Essa criança deve inspirar-se nela e tê-la como exemplo.

Que deverá ser ela? Uma harmonia. De acordo com qual espelho, ó mãe? Por quem se regerá ela? Todas as manhãs e todas as noites farás esta prece: 'Meu Deus, fazei-me muito bela! [...] E que minha filha, para sê-lo, deva apenas olhar-me.' (MICHELET, 1988, p. 85)

Mãe para ensiná-la não só a graça de ser mulher, de transmitir-lhe doçura e pureza, mas também de se mirar nas ações maternas. Michelet elucida que não há nada como a mãe que assume o papel de educadora e não ignora que é com suas palavras doces e, sobretudo, com seus atos que ela cultivará o caráter da infante.

Não podemos nos esquecer de que, na visão de Michelet, o papel que a mãe exerce sobre os filhos está relacionado com a unidade, com a busca da harmonia na sociedade. Por este motivo ele acredita que a presença da mãe no lar deve ser prioritária para a formação e sustentação da família, mas acima de tudo, para a constituição e conservação da sociedade francesa do século XIX.

Educar uma filha é educar a própria sociedade. A sociedade procede da família, cuja harmonia é a mulher. Educar uma filha é uma obra sublime e desinteressada. Pois tu só as crias, ó mãe, para que ela possa deixar-te e fazer-te sangrar o coração. Ela está destinada a outro. Viverá para os outros, não para ti e não para ela. É esse caráter relativo que a põe acima do homem e faz dela uma religião. Ela é a chama de amor e a chama do lar. É o berço do futuro, é a escola, outro berço. Em uma palavra: Ela é o altar (MICHELET, 1988, p. 84).

Michelet destaca sempre a forma de viver do povo. Ele aponta certos valores - como união, fraternidade e bondade - que, a seu ver,

deveriam nortear a sua vida como historiador e, sobretudo, como um homem que queria transformar a nação. A união, a fraternidade e a bondade do povo francês durante a Revolução são relacionadas a um retorno à natureza humana, ou seja, são um exemplo de como os homens poderiam ser semelhantes e esquecer as diferenças sociais que os fizeram sofrer durante tantos séculos.

Por fim, podemos concluir este texto pontuando que o maior conflito de Michelet é com a “desigualdade social”. Poderíamos dizer que a falta de respeito entre as pessoas, a desarmonia familiar, o desequilíbrio emocional, entre outros, que se manifestam nos dias de hoje, são reflexo de uma sociedade em total desequilíbrio. Por isso, cabe-nos destacar a importância destas obras para a atualidade, não só nos campos da política e da história, mas especialmente na formação, na educação dada pela família, em especial pela mulher. Elas nos mostram que precisamos intervir na desigualdade social e lutar pelo resgate de valores como bondade, fraternidade, união e amor.

REFERÊNCIAS

MICHELET, Jules. **O Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A Mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.